

Bolívia não consegue chegar a acordo com Brasil sobre dívida

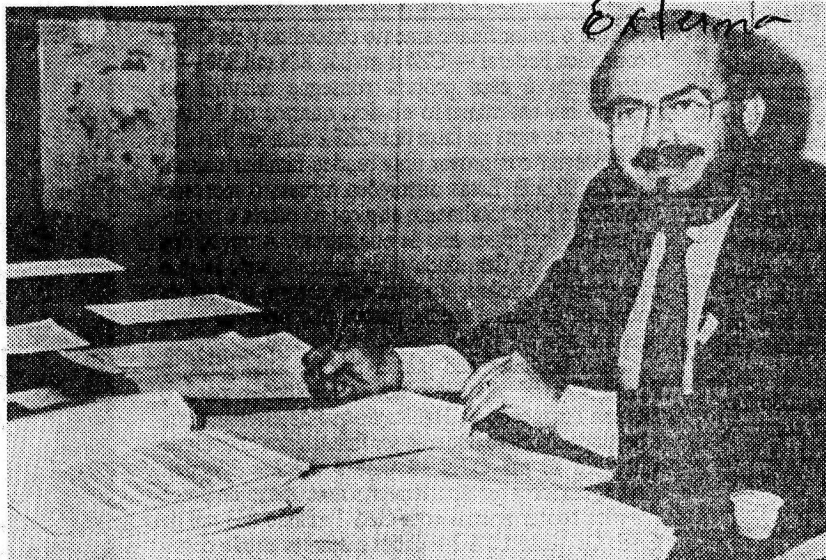
Maurício Correa

BRASÍLIA — A Bolívia não conseguiu fechar a renegociação de 75 milhões de dólares vencidos de sua dívida externa com o Brasil (que totaliza 250 milhões de dólares). Neste final de semana, o presidente do Banco Central da Bolívia, Javier Nogales, passou dois dias praticamente trancado dentro do BC brasileiro, mas não foi possível chegar-se ao consenso em torno dos 76 artigos do acordo que será assinado entre os dois países. “É uma lástima. Embora tenhamos avançado bastante no entendimento, restou um *detallito*”, disse Nogales, sexta-feira à noite. A divergência, segundo ele, resultou de uma “interpretação rigorosa” que o Brasil deu ao acordo assinado no Clube de Paris, em junho de 1986, onde é credor da Bolívia.

Na quinta-feira passada, enquanto todas as atenções no Banco Central estavam voltadas para o seminário sobre a autonomia da instituição, no mesmo andar (1º subsolo), Nogales, sozinho, enfrentava uma bateria de negociadores brasileiros, formada por especialistas no próprio BC, Banco do Brasil, Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), Cacex e Ministério das Relações Exteriores. Na sexta-feira, a renegociação prosseguiu durante todo o dia, no Departamento Jurídico do BC (11º andar), sem uma conclusão. Javier Nogales retornou a La Paz neste sábado.

— Restou uma pequena diferença. Os negociadores brasileiros têm todo o direito de serem cuidadosos com os interesses de seu país, mas eu também tenho o direito de somente aceitar as condições que considero corretas e favoráveis à Bolívia — argumentou Javier Nogales. — Acredito, entretanto, que dentro de mais algumas semanas, os dois governos chegarão a uma conclusão. Estou otimista a esse respeito — acrescentou.

Na semana passada, o presidente do BC da Bolívia enfrentou uma verdadeira maratona para tentar renegociar os compromissos externos de seu país, que totalizam 3 bilhões de dólares, sendo um terço junto às instituições multilaterais (Banco Mundial, BID e FMI), um terço



Javier Nogales teve muito trabalho e pouco sucesso nas várias visitas ao BC esta semana em Brasília

devido aos bancos internacionais e o restante relativo a compromissos bilaterais (com outros países, dos quais 250 milhões de dólares são com o Brasil, 350 milhões de dólares com a Argentina e o resto com Estados Unidos, Japão, Alemanha e outros países). Na segunda-feira passada, Nogales passou o dia em Brasília, na terça e quarta-feira, já estava em Nova Iorque, retornando a Brasília quinta-feira, onde passou dois dias.

Economista com especialização em Finanças e funcionário do Banco Mundial, em Washington, até janeiro do ano passado, quando assumiu a presidência do BC boliviano, Javier Nogales, de 40 anos de idade, está muito otimista quanto ao desempenho econômico-financeiro de seu país. E fala com entusiasmo, principalmente, do sucesso da política de combate à inflação e ao déficit público.

— Em fevereiro de 1985, a inflação ficou em 180%. Anualizando-a, dava um cálculo fantasmagórico de 2.300.000%, o que era uma loucura total. Nessa época, o déficit fiscal era equivalente a 29,5% do PIB. Ninguém pagava impostos e, o que ocasionalmente era recolhido ao Tesouro, perdia o sentido, pois era neutralizado pela inflação monstruosa”, explicou Nogales.